

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

No 7-8 unavoulat

Revista Internacional do Espiritismo

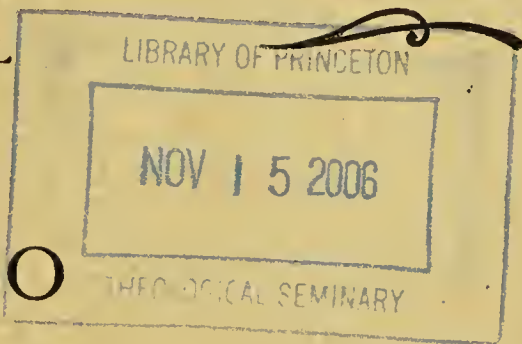
LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :

CAIRBAR SCHUTEL

(De 1925 a 1938)



SUMÁRIO

- O Missionário
- O Mundo Invisível Segundo a Ciência
- Vamos Estudar
- Tolstoi e sua luta religiosa para res-
tabelecer o Cristianismo
- Responsabilidade
- Memórias de um Espírita Baiano
- Bodas-de Ouro
- Robert Hare — Pioneiro do Espiri-
tismo Científico
- A Origem da Vida e a Reencarnação
e a Genética
- E a Louca ficou Curada
- A Nobreza é esta
- Além da morte há vida
- Crônica Estrangeira
- Espiritismo no Brasil
- Necrologia.

- Redação
- Antonio Domiciano P. Junior
- Samuel Gomes da Costa

- Irmão Saulo
- Cláudio Joenck
- Leopoldo Machado
- Redação

- Cícero Pimentel

- Aleixo Vitor Magaldi
- Redação
- Carlos Imbassahy
- De "Seleções"
- Redação
- Redação
- Redação

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seára do Mestre
Em torno do Mestre
Na Escola do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genese
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
A Loucura sob um novo prisma
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Almas que Voltam
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Reis, Príncipes e Imperadores
Cruzada Redentora — 3 vols.

Infantis:

Conselhos ao meu filho (contos)
A Historia de Paulinho
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Os meus deveres
História de Catarina
Escuta meu filho (contos)
Histórias que Jesus contou
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo*

REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 23 de Agosto, n. 301—Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

O MISSIONÁRIO 3 DE OUTUBRO



obra monumental, o Espiritismo, nós a devemos ao grande Missionário, Allan Kardec, o Espírito lúcido, criterioso que compreendeu logo o motivo desses fenômenos, que êle

descobriu ser a chave do problema, tão obscuro e convertido, do passado e do futuro da humanidade, problema que nunca pode ser resolvido pelos eminentes filósofos de todos os tempos, nem pelos sacerdotes.

Allan Kardec não se limitou a examinar as manifestações dos chamados «mortos», mas explicou magistralmente em suas obras, as manifestações extracorpóreas dos encarnados, inclusive os casos de clarividência e clariaudiência, estendendo-se em considerações sobre o magnetismo, o hipnotismo, inclusive as manifestações anímicas que se aliam às demais manifestações de Além-Túmulo.

Esclarecendo precisamente o *perispirito*, o gênio lionês, provocou uma grande revolução na ciência, na religião e na filosofia.

Foi só depois de chegar a uma conclusão lógica da natureza das manifestações, por êle observadas, que Allan Kardec fundou a «Revue Spirite» e sucessivamente publicou suas imortais obras:— Livro dos Espíritos, Livro dos Médiuns,

Evangelho Segundo o Espiritismo, Céu e o Inferno, A Gênese.

Diz León Denis, em sua magistral obra — «Depois da Morte» — «Allan Kardec só publicou seus livros, após haver estudado durante dez anos, com sua razão esclarecida e infatigável persistência, as experiências realizadas em Paris, tendo também recebido informações que lhe chegaram de todos os pontos do globo».

A doutrina de Allan Kardec não é o resultado de uma aventura, mas sim da observação metódica, da experiência rigorosa, o resultado combinado dos Dois Mundos—das duas humanidades que se penetram, e que, não obstante suas imperfeições, caminham juntas para os elevados destinos que lhes estão reservados.

Podemos dizer que a obra de Allan Kardec constitúe os ensinamentos comunicados pelos Espíritos aos homens, cabendo ao Missionário do Espiritismo o mérito da coordenação desses ensinamentos, trabalho êste incomparavelmente maior do que o de escrever um livro, pois que para a sua confecção exigiu um critério aprimorado, uma sabedoria invulgar, um espírito de discernimento acima de todos os que constituem as prerrogativas humanas; em resumo, exigiu a vinda ao nosso Planeta de um ser privilegiado, tal como o qualificou o grande astrônomo Flammarion, no seu memorável discurso:

«O BOM SENSO ENCARNADO».

Filho de um advogado do Tribunal de Lyon, Allan Kardec, desde moço, cultivava apaixonadamente o estudo das ciências e principalmente da filosofia. Inteligente, esclarecido, dedicado, era êle um espírito positivo. Com a idade de 22 anos era doutor em medicina e falava correntemente quatro línguas. Ancioso de conhecer as causas primárias, logo que se verificaram as primeiras manifestações espíritas na França, em seguida às da América do Norte, êle deu início às suas pesquisas, criando por fim a famosa Doutrina, cujos adeptos aumentam diàriamente. Lutou tôda vida para manter de pé o seu ideal. Repudiado pelos sábios, combatido pela Igreja, soube sustentar suas teorias, genuinamente científicas, baseadas na observação e na experiência. Com o fim de tornar sua teoria acessível às mais rudimentais inteligências, excusou-se de dissertações metafísicas, das velhas formas de retórica, para levar aos humildes a consolação e a luz, e despertar, nos que sofrem, a certeza da persistência da Vida no Além Túmulo.

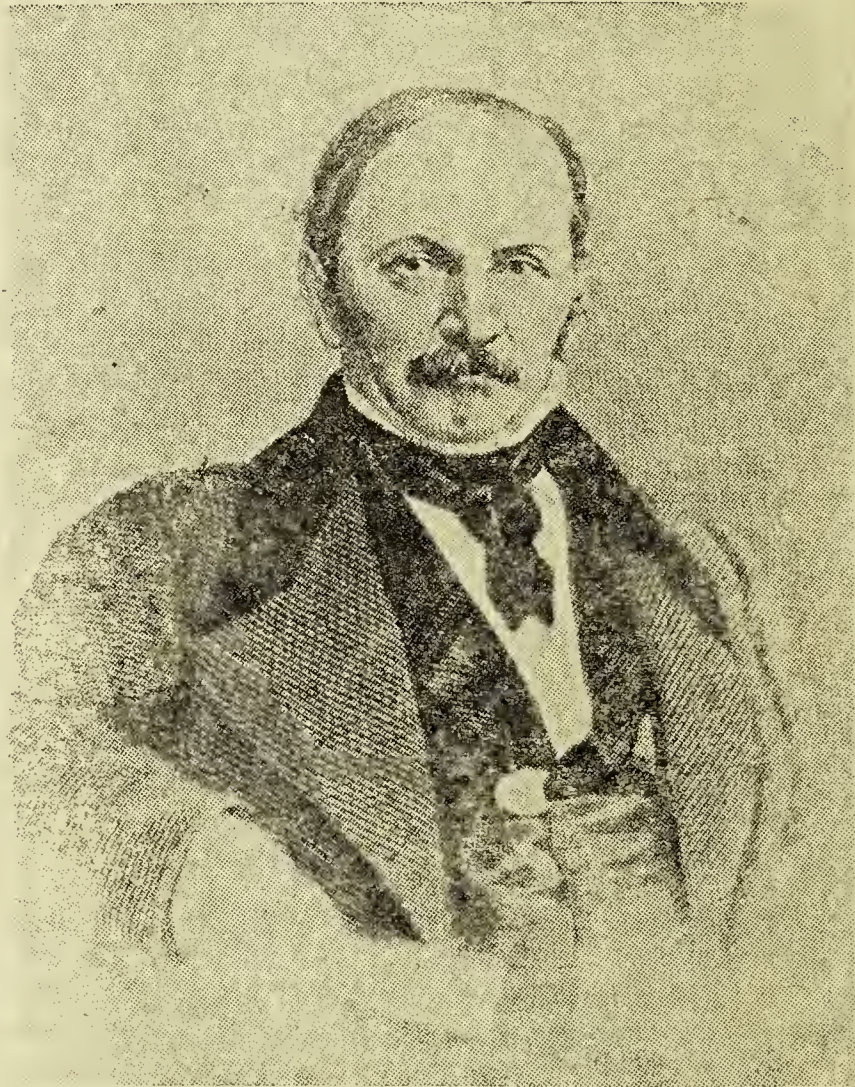
De fato, o Espiritismo, sem contestação razoável, constitúe o poderoso fanal que ilumina aos viajores terrestres, o pôrto seguro de salvamento.

Revelação das revelações, a Doutrina Espírita se reporta a um estudo inteligente e educativo da história, desentranha, de suas páginas, as manifestações dos mortos, que constituíram a fé dos nossos antepassados, em tôdas as épocas da humanidade, desde a Revelação Abraâmica à atual, e qual guia adestrado nos conduz por essas sendas tortuosas, por essas vias sinuosas, que é o caminho sulcado pelas civilizações passadas, afim de nos deixar entrever o futuro de luz que nos espera.

A obra de Allan Kardec é monumental. Falando dela, diz o grande escritor francês Maurice La Châtre, nas

seguintes palavras, que nós sancionamos com satisfação:

«A Doutrina Espírita contém os elementos para transformar nossas idéias, e merece a atenção de todos os homens progressistas. Sua influência se estende a todos os países civilizados e dá ao seu Fundador uma considerável importância, fazendo prever que num futuro não remoto, Allan Kardec será tido como um dos reformadores do Século XIX».



Allan Kardec

Concluindo, nos associamos a todos os espíritas pelas lembranças e pensamentos de gratidão que a 3 de Outubro dirigiram ao Missionário da Revelação das revelações. Oxalá tão elevado Espírito reapareça, no cenário mundial, como prometeu, para trazer o complemento de sua grande obra de imortalidade e progresso.

O Espiritismo é evolutivo no tempo e no espaço. Dêle se disse a primeira palavra e nunca se dirá a última. — ALLAN KARDEC.

O Mundo Invisível Segundo a Ciência

Especial para a «Revista Internacional do Espiritismo»

Falar-se em ciências físicas e naturais é, para muitas pessoas, manifestação de «materialismo». Para o meu espírito, foram, ao contrário, uma espécie de janela aberta para as belezas da criação natural.

Compreende-se que o estudo superficial da ciência nos leva à negação. O estudo metucioso, sem idéias preconcebidas nos leva a Deus. Os problemas do ser e do destino aclaram-se luminosamente com os conhecimentos das leis naturais. Cada revelação sobre a obra prima do Criador nos enche a alma de alegrias e felizes sensações. À medida que se penetra na intimidade da natureza, o véu de preconceitos e incompreensões se desfaz, e o nosso espírito compreende os grandes problemas da vida material e espiritual.

Há muitos religiosos a quem não se pode falar em «mundo invisível». Outros não compreendem o «mundo oculto». Cientistas existem que atribuem à desarrajo mental a fé em fenômenos telepáticos, magnéticos, hipnóticos, catalogando em «espíritos fracos» todo aquêle que admite a vida espiritual e suas relações com o mundo objetivo.

É sempre de grande oportunidade a divulgação de conhecimentos da moderna física, que servirá para demonstrar aos inimigos dos progressos científicos as grandes verdades contidas nas escrituras e nos evangelhos, que nada mais são que colunas seculares do conhecimento humano. Deve-se demonstrar que a física moderna consegue avaliar grandezas que aproximam o homem do mundo oculto ou invisível já conhecido e estudado pelo ocultismo desde séculos antes de Cristo e do qual o próprio Jesus Cristo foi um dos grandes luminares.

Sabe-se agora que o átomo é um verdadeiro sistema planetário em miniatura. O Sol é representado pelo núcleo, que é composto de protons e neutrons. Em redor d'êste Sol nuclear giram com velocidades proporcionais os eletroneos. Entre estas partículas existem espaços vazios e corpos ainda não bem estudados. Os protons são dotados de eletricidades positivas. Os eletrons são de natureza elétrica negativa e os neutrons são elêtricamente neutros.

Para se ter uma idéia do tamanho destas partículas é necessário lançar-se mão de comparações. Um litro d'água contém aproximadamente

567.000.000 000.000.000.000.000, isto é, 567 setilhões de átomos. Colocando-se uns ao lado dos outros, em linha reta, e no mesmo plano, seriam necessários 1.000.000 para atravessar o diâmetro de um milímetro. Se êstes átomos forem de hidrogênio comum, seriam necessários 10.000.000 para o mesmo comprimento.

É necessário saber-se que milhares de anos antes de Cristo já os grandes iniciados tinham como dogma de sua ciência que «O QUE ESTÁ em cima é como o que está em baixo,» o que equivale dizer: «O MICROCOSMO» é equivalente em tudo ao «MACROCOSMO». O sistema planetário solar possui girando em torno do Sol os planetas. Entre êles nos espaços vazios há pequenos corpos chamados asteroides, bólides, que a ciência classifica como corpos errantes, de pequenas dimensões, consequentes de mundos esfacelados. O átomo também tem uma organização equivalente. Tanto no átomo como no sistema planetário os corpos giram com velocidades proporcionais às distâncias e às massas, segundo leis de relatividade. Entre os neutrons e protons que formam o núcleo há partículas misteriosas cuja natureza está sendo estudada pelos físicos, e que podem revelar grandes possibilidades. Os eletrons podem ser avaliados segundo a fórmula — 9 — elevado à vigésima terceira potência o que dá uma fração decimal de 0,000 000 000.000 000 000 000.000.000.9 da grama. São precisos cem milhões de eletrons para atravessar um diâmetro de átomo, e quinhentos milhões dêles para enche-lo. Para uma energia de ampère são necessários um quintilhão de eletrons.

O núcleo do átomo é composto de neutrons, positrons, protons e mésons. Ocupam espaço tal que uma polegada linear conteria 2 500.000.000.000 se colocados uns ao lado de outros em reta.

O Brasil tem a honra de ser pátria de CESAR MANSUETTO GIULLIO LATTES que descobriu o bimésons na noite de 21/1/1948. A finalidade destas par-

tículas é manter unidas as partículas do núcleo do mesmo modo que a força gravitacional mantém unida, isto é, presos uns aos outros os planetas. A demonstração da fórmula de EINSTEIN, segundo a qual a energia é igual a massa multiplicada pelo quadrado da velocidade, deu ensejo a descoberta dos mésons. Deve-se a esta mesma fórmula a descoberta dos seguintes corpos químicos: Netuneo, Plutoneo, Americio, Curio, Berquilio, Californio, completando assim a escala stequímica de 92 elementos cujo maior número atômico é 238. Estes elementos debaixo de formas e estruturas muito variáveis, combinados sob míriades de proporções, formam o universo visível aos nossos olhos físicos.

A Terra é um iman cujas linhas magnéticas vão de polo a polo, imantando todos os corpos sobre ela. Nosso corpo é penetrado por estas linhas de forças, formando a sua polaridade. Somos também eletrizados e vivemos assim atuados por enormes correntes de ondas eletromagnéticas, não só de nosso planeta, mas enviadas pelo Sol.

Além destas correntes de forças, somos bombardeados contínua e poderosamente pelos raios cósmicos que atravessam o nosso corpo, e contra os quais não existe tela alguma capaz de interceptá-los. Conhece-se os raios cósmicos alfa e betha, mas ignora-se a sua origem, e a sua finalidade. Sabe-se que exercem enorme papel na manutenção da vida orgânica, exercendo sobre ela uma espécie de ação equilibrante. Muitos sábios são de opinião que podem constituir armas perigosíssimas e destruidoras, se conseguirem dominá-los e dirigí-los. Poderão contribuir para o progresso e felicidade humana.

O microscópio eletrônico desvendamos o mundo celular, em todas as suas fases. Graças a êle o homem vê como se reproduz a célula somática e a germinativa fazendo avançar a biologia a limites imprevisíveis. Temos o Radar, a célula fotoelétrica, que nos revelam ondas de for-

ça de inacreditável sutileza e velocidade. Diante deste progresso compreendemos o mundo oculto.

Jesus disse que nada há sobre a Terra e debaixo do Sol que não seja descoberto. Disse também que muita coisa poderia ser dita ao homem de seu tempo, mas, tempos viriam que tudo seria revelado. Referiu-se muitas vezes a sua união com o Pai: «EU E MEU PAI SOMOS UM». Reconhecia assim o princípio segundo o qual existe perfeita unidade entre os seres do universo. Deus é unipresente, e tudo está nêle. O homem é sua manifestação e tudo vem dêle e para Êle volta.

A matéria volta para a matéria mas o espírito volta para o mundo espiritual.

A ciência vem demonstrando a verdade ensinada pelos antigos ocultistas. Vivemos num oceano de energias. A começar do interior para o superior temos: Energia elétrica, magnética, eletromagnética, luminosa, sonora, raios vermelhos, infravermelhos, violetas, ultravioletas, raios cósmicos, energia vital, energia mental que se divide em numerosas faixas, de vibrações diversas; finalmente, a espiritual. Há perfeita identidade de vista entre os ensinamentos dos antigos iniciados e a revelação da ciência moderna. O Universo é uno e indivisível tanto no lado espiritual como sob qualquer das demais manifestações de energia, e o homem não passa de centros de irradiação e atração para as grandes forças.

«NADA SE TEM DESCOBERTO QUE INVALIDE AS VERDADES DAS ESCRITURAS» disse o Dr. WADE.

«AS DESCOBERTAS HUMANAS PARECE QUE TEM POR MISSÃO CADA VEZ COM MAIS FÔRÇA CONFIRMAR A VERDADE CONTIDA NAS ESCRITURAS SAGRADAS.» — disse o grande astrônomo HERSCHEL.

Antonio Domiciano Pereira Junior.

Bragança Paulista, 29/6/1958.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Vamos Estudar!

Samuel Gomes
da Costa

O estudo é a razão principal do conhecimento de tudo que se relaciona com a vida humana, quer seja no setôr científico, no filosófico, no religioso, ou em outro qualquer da atividade humana.

Por meio dêle, nós cultivamos o desejo sempre crescente de aperfeiçoamento, chegando-se a ficar perfeitos conhecedores daquilo a que nos dedicamos.

Seja o Cientista, o Médico, o Operário, o Marítimo ou Militar, todos, enfim, procuram aprimorar-se com o estudo e o trabalho para alcançarem o máximo no seu setôr de atividade.

Sempre ávido de novos conhecimentos, o homem estuda e investiga e, como recente exemplo, temos alguns dos atuais cientistas que, sem contarem as horas, estão tentando alcançar, pelo estudo especializado, novos horizontes, a fim de poderem atingir, com aparelhos guiados pelo homem, os planêtas mais próximos da Terra.

Mas, se o desejo de evolução cresce assustadoramente, para as coisas da vida material por parte de muitos, por outro lado, avulta-se a ânsia de conhecimento das coisas do espírito eterno, por parte daqueles que sabem ser perecível a matéria por mais evoluída que esteja, razão pela qual não devemos, somente, nos especializar nos conhecimentos das atividades humanas.

Precisamos estudar a causa que nos faculta chegar a êstes conhecimentos, visto que não há efeito sem causa.

Inexgotáveis fontes de verdades, para haurirmos, pelo estudo, real conhecimento das coisas de Deus, e, sabermos a razão do Sêr, do Destino e da Dôr, são encontradas no Livro dos Espíritos, no Evangelho Segundo o Espiritismo, nas obras de Leon Dénis, Camille Flammarion, André Luiz, William Crookes, Gabriel Delanne, Ernesto Bozzano e muitos outros. Estudando-se estas importantes obras, teremos ciência perfeita de onde viemos, aonde estamos, porque aqui estamos e para onde vamos.

Não basta crermos na imortalidade da alma, no Espiritismo e dizermos que somos Espíritas.

Pelo estudo, pela análise, medita-

ção e prática dos ensinamentos adquiridos, é que conseguiremos o conhecimento da verdade e fortaleceremos a nossa Fé, pilastra forte que nos liga aos céus.

Se todos os que frequentam instituições espíritas, como sejam: Centros, Escolas, Mocidades Espíritas, Federações, Uniões Espíritas, etc. estudassem verdadeiramente as obras básicas do Codificador Allan Kardec e dos muitos outros mentores já citados, fazendo mesmo algum esforço para isso, — já que, para muitos, o estudar para aprimorar-se é um sacrifício, — não teríamos a incompreensão, a falta de ânimo para o trabalho digno, a má vontade para as campanhas de Caridade, a escassa dedicação e pontualidade nos trabalhos doutrinários e redentores, as desuniões dentro dos Centros e Mocidades.

O Espírita precisa fazer do «Livro Espírita» um amigo inseparável, embora o livro (como diz o irmão Almerindo Martins de Castro no seu livro — «LIÇÕES DA VIDA» —) não tem poder de infiltrar a instrução no cérebro da criatura: esta é quem extrai dos livros o conhecimento que êles contém e podem ministrar. Não é o valor didático dos compêndios que ilustra e faz eruditos: é a aplicação irrestrita ao estudo, o desejo puro, nobre, elevado de enriquecer os dons da inteligência — isso é que assegura o êxito no convívio com os livros. «É o que não estudou, geralmente, cai vítima das mil ciladas estendidas no caminho da existência, incidindo em erros, enredando-se nas armadilhas dos astutos, sendo prêsas de estelionatários, réu inocente de crimes que não praticou, mas permitiu lhe fossem atribuídos, à sombra da sua total ignorância.»

Espiritismo é estudo, é reforma moral, é libertação da ignorância das coisas do Espírito e das mazelas que nos acompanham, de dogmas, preconceitos e vícios. É renascimento para uma vida espiritualmente sadia e que somente cada um poderá limpar-se das impurezas do mundo, é evangelizar-se vivendo de maneira a dar o exemplo pelas suas obras, porque não se pode compreender Espiritismo sem Evangelho e Evangelho sem Espiritismo.

Espiritismo é amar a Deus sobre todas as coisas e ao nosso próximo como a si mesmo, fazendo da caridade sem ostentação, a Bandeira do Amor Real. É adorar em Espírito e Verdade, DEUS o Supremo Criador de Todas as Coisas, desprezando os cultos pomposos e cheios de preces decoradas, reconhecendo-se o que realmente somos, — endividados, tentando pagar as nossas dívidas do pretérito, pela dor, pelo sofrimento, — sem pretensão ou ilusão de merecermos o céu, sabendo-se que «cada um recebe segundo as suas obras», seus conhecimentos e seu amor. Ninguém sobe a longa escada da evolução com pés alheios, simplesmente porque outros estudaram, pediram e trabalharam por nós.

Mas, infelizmente, o estudo é cansativo e monótono, para muitos... chegando mesmo a ser «desnecessário» e «martirizante».

É uma lástima que poucos gostem de estudar.

Nossos irmãos orientadores do Plano Alto da Espiritualidade, que descem para nos instruir numa demonstração patente de amor aos que sofrem, lastimam

entristecidos os irmãos que frequentam trabalhos doutrinários, dando simplesmente a sua presença, sem que ali estejam no desejo ardente de progredirem, perdendo tão precioso tempo.

Seria preferível não simularem acreditar; seria menos culposo se não conhecessem a Verdade, porque, mais culpado é aquele que sabe que está errando e pratica o erro, e, angustiada situação o aguarda na vida depois da morte da matéria.

Vamos estudar e façamos a campanha do estudo, porque por ele não desconhecemos os nossos sagrados deveres e cumprindo-os, estaremos habilitados a deixar esta vida cheia de sofrimentos para alcançarmos felizes a Verdadeira Vida, e lá chegando, seremos portadores daquilo que nos é indispensável saber, afim de podermos gozar da Tranquilidade Espiritual, na certeza de que, se não cumprimos integralmente a nossa missão no Planeta Terra, pelo menos nos esforçamos pelo estudo, para termos o conhecimento.

Pelo exposto VAMOS ESTUDAR!
PAX

Tolstoi e sua luta religiosa para restabelecer o Cristianismo

Um credo que poderia ser subscrito pelos espiritas — Sua influência sobre o povo russo e sobre a obra de Gandhi — Precursor do Espiritismo

Leon Tolstoi, o grande escritor russo, autor de «Guerra e Paz», não foi espirita, mas seus princípios aproximam-se bastante do Espiritismo, especialmente no que respeita à exegese evangélica. Tolstoi tornou-se o dirigente religioso de considerável parcela do povo russo. Ainda hoje existem na Rússia os tolstoianos, que não aceitam a religião ortodoxa nem o materialismo filosófico do Estado. Em suas «Memórias», o mahatma Gandhi revela que foi em Tolstoi e Ruskin que ele se inspirou para criar a doutrina da não-violência, do amor e da pureza, que se traduz pelos três princípios: o Ahimsa, ou o amor universal; o Satiagraha, ou a confiança na verdade, que resulta em não-violência; e o Bramacharya, ou a tríplice pureza, de pensamentos, palavras e ações.

Como se vê, a influência de Tolstoi se estende até os nossos dias, não somente através de suas obras literárias,

mas também de seu pensamento filosófico e religioso. Tendo sido excomungado pelo Santo Sínodo da Igreja Ortodoxa, Tolstoi enviou aos seus integrantes uma definição de princípios, constituindo o credo em que apoiava toda a sua crença em Deus, em Jesus e nos Evangelhos. Esse credo, que pode ser subscrito por qualquer espirita, estava assim redigido:

«Creio em Deus, que é para mim o Espírito, o Amor e o Princípio. Creio que Ele está em mim, como eu estou n'Ele. Creio que a vontade de Deus nunca foi expressa com mais clareza do que na doutrina do homem chamado Cristo, mas ninguém pode considerar Cristo como Deus e dirigir-lhe orações nesse sentido, sem cometer o maior dos sacrilégios.

Creio que a verdadeira felicidade do homem consiste em cumprir a vontade de Deus. Creio que a vontade de Deus é a de que todo homem ame aos

seus semelhantes e proceda sempre com os outros como deseja que os outros procedam com êle. Nisto, diz o Evangelho, re resúmem a lei e os profetas.

Creio que o único sentido da vida, para cada sêr humano, é o de aumentar o seu amor. Creio que êsse desenvolvimento da faculdade de amar nos proporcionará nesta vida uma ventura cada vez maior, e no outro mundo uma felicidade mais perfeita. Creio que êsse aumento do amor contribuirá, mais do que qualquer outra fôrça, para fundar na terra o Reino de Deus, isto é, para substituir uma organização de vida, em que são onipotentes a mentira, a divisão e a violência, por uma nova ordem, em que se reunirão a concórdia, a verdade e a fraternidade.

Creio que só dispomos de um meio para progredir no amor: as orações. Não a oração pública nos templos, que foi explicitamente reprovada por Cristo (Mateus, 6-5-13), mas essa oração de que Êle próprio nos deu exemplo, a oração solitária, que nos confirma na consciência do sentido da vida e no sentimento de que dependemos tão somente da vontade de Deus.

Creio na vida eterna. Creio que o homem é premiado segundo as suas obras,

aquí e em tóda parte, agora e sempre. Tão firmemente creio em tudo isso, que, na minha idade, à beira da sepultura, tenho de me esforçar muitas vêzes para não invocar a morte do meu corpo, isto é, o meu nascimento para uma nova vida.»

A excomunhão de Tolstoi foi consequência de seu rompimento com a religião ortodoxa, por ter chegado à convicção de que o verdadeiro Cristianismo havia sido alterado, perdendo sua simplicidade e pureza primitivas, ao se enredar numa densa trama de fórmulas sacramentais e princípios estranhos aos ensinos do Cristo. Tolstoi dedicou-se à nova tradução dos Evangelhos, para escoi-mar os textos das adulterações e interpolações. Todo o seu esforço era desenvolvido no sentido de restabelecer o Cristianismo do Cristo, como diria mais tarde o Padre Alta. Pode ser considerado, portanto, como bem o demonstra o seu Credo, um precursor do Espiritismo, da vinda do Consolador, do Espírito da Verdade, que hoje preside ao restabelecimento dos ensinos do Mestre entre os homens, para a edificação do Reino de Deus na Terra.

Irmão Saulo.

x x

Responsabilidade

Em todos os tempos, teve o homem a necessidade de progredir, pois, é esta uma Lei Divina. Sentindo esse ímpeto evolucionista quis o homem primeiramente acomodar-se a melhor maneira possível dentro da matéria em que vive, buscando e encontrando os meios que lhe facilitassem dar cumprimento às suas necessidades no ganha-pão diário e no seu conforto. Nesse sentido tem alcançado algo de assombroso, que no dizer vulgar, a alguns anos atrás, seriam considerados como sonhos irrealizáveis. Acomodado o corpo da melhor maneira possível no campo material, com o conforto do lar, nos transportes, etc. cogitava o homem por intermédio da medicina encontrar também, o necessário para manter a saúde do corpo físico, através de estudos complicados e lon-

gos, afim de combater as doenças que mais fortemente atingiam a humanidade. Estes últimos anos foram de vitória para a medicina que, trabalhando arduamente nos laboratórios, nos estudos aprofundados da anatomia, descobriram os remédios e os meios operatórios mais eficientes até então. Foi êsse o caminho que o homem encontrou para dar vazão a sua ânsia de progresso, entrando por caminhos os mais variados e que verdadeiramente lhe satisfizes os anseios mais imediatos. Tudo se obteve e muito se conseguiu pela Misericórdia do Alto. Na época atual talvez tenhamos atingido o máximo de êxito neste sentido amplamente físico. Mas, se a evolução se fazia sentir, não o era simplesmente neste campo limitado e já satisfeito. Importava muito mais que se cuidasse do

progresso espiritual e ascencional até o Infinito. Êste, o mais sublime, o mais elevado, foi esquecido. Sim, foi esquecido pelos homens porque importava maior esforço, exigia a disciplina do próprio Eu, a moralização dos costumes. No entanto, se o homem poz de lado esta parte, ela não foi esquecida pelo Pai Celestial, que amando profundamente os seus filhos, nos enviou um Mestre. E Jesus veiu até nós, trazendo amplos recursos para que fôsse possível erguermo-nos espiritualmente. Suas diretrizes são a quase dois mil anos o que de mais elevado e positivo se poderia oferecer à humanidade, para a sua própria felicidade. Mesmo assim, sabia Jesus, que nós não O ouviríamos e que mesmo que o fizéssemos, haveríamos novamente de nos afastar do seu Amor. Prevendo isso, nos enviou então o Espírito da Verdade, que viria restabelecer tôdas as coisas. Há cêrca de cem anos vem Êle se manifestando mais intensamente entre os homens e para que soubéssemos nos comunicar com os Mesmos, de maneira a não incorrer em erros e ao mesmo tempo não nos deixássemos levar pelas paixões e interêsses imediatos, nos mandou Allan Kardec afim de que Êle nos proporcionasse as normas que disciplinariam tais comunicações. Foi um trabalho árduo e secular, pelo progresso e bem estar da humanidade. Concretizada esta ampla realização; estando a humanidade de posse dos meios para a sua ascensão espiritual, ainda assim o homem não quis ouvir o chamado Celestial. Atingimos, então, uma encruzilhada que nos levará a dois caminhos diametralmente opostos. Se somos possuidores de todo ou quase todo progresso material, novamente começamos a sentir nas massas um frêmito de insatisfação. Se alcançamos o climax no mundo físico, para onde ir agora? Já começamos a sentir um remorso pela nossa desídia, pela imprevidência egoística que nos levou a afastarmo-nos de Deus, e de Jesus. Começamos agora, a sentir o pêso da responsabilidade que nos cabe, tendo em vista o perigo de uma nova conflagração mundial, motivada ainda, pelos interêsses mercenários e de domínio pela força. Evidentemente, somos prisioneiros da carne, mas podemos agir livremente pelo livre arbítrio, embora em campo limitado. Nos dias que correm é que devemos tomar a decisão definitiva. Ou ficamos gozando as aparentes delícias da

carne ou nos desprendemos e vamos buscar o alimento para os nossos espíritos. Estamos atravessando uma éra em que a corrupção, as negociatas criminosas, os roubos, os assassinatos, os suicídios, o incrível mas real menosprezo de irmão para com irmão, chegam dentro do campo arbitral ao seu índice mais elevado e extremamente perigoso. O homem em geral tem medo da morte. Espanta-se e treme medroso em face a este fenômeno natural, apesar de sua pretensa superioridade, porque, embora inculto nos assuntos ver-sados da espiritualidade, sabe pela sua intuição que é lá no Além que vamos prestar conta da nossa incúria e pelo mau uso do nosso livre arbítrio. Mas, se for para defender o seu orgulho, se for para defender os seus interesses comerciais e de domínio, não titubeia em sacrificar milhões de vidas, provocando destruições e desolação no plano físico, enviando ao mesmo tempo milhões de espíritos de volta à Patria Espiritual, em lastimáveis condições vibratórias. Foi portando, permitido o progresso científico e material que seguindo idéias maldosas e criminosas, chegou à triste condição de pôr em perigo a estabilidade do nosso plano terráqueo, o que é sem dúvida um dos maiores males que o homem poderá provocar. O Bem, o Amor, a Felicidade, aí estão para fazer frente a essa situação melindrosa, e vieram com Jesus e seus Prepostos. Ao Espiritismo cabe, portanto, a tarefa difícil de espargir a Luz do Cristo, de esclarecer e orientar a humanidade para o caminho certo, caminho estreito e difícil de ser transposto. Sofreremos vicissitudes e provações, mas consciente de que estaremos resgatando as nossas faltas e erros do passado, para um dia melhor. Não acumulemos maior bagagem criminosa. Felizmente, contamos com Espíritas de Boa Vontade, que pela palavra escrita, pela rádio-difusão e por todos os meios possíveis procuram iluminar a todos. Refreemos nossas paixões e desvairios, procuremos no Evangelho do Cristo o necessário para nos alicerçarmos em rocha viva, para que, quando vier esta catástrofe mundial, esta tempestade que convulsionará a terra, porque está claramente demonstrado no Apocalipse, e como tudo o que lá foi escrito se cumpriu, também esta se cumprirá, estejamos de pé, com o coração e alma firmemente voltados e ligados ao Alto. As primeiras rajadas do vento

preludador da borrasca já se fazem sentir; tôda terra se agita e perturba, sentindo que o momento é chegado. Armemo-nos com a coragem e a fé. Oremos e Vigiemos. A luta será dupla e mais renhida. Haverá a luta física e a luta espiritual. A batalha exigirá esforços inauditos. Naturalmente do lado espiritual, os primeiros a serem atingidos serão os espíritas e devemos fazer o possível para manter a Paz, a Harmonia e a União em todos os lares nossos, Centros e em todos os lugares onde vivemos. Amemos o próximo como a

nós mesmos. Oremos pelos que teem a incumbência de dirigir os governos e preparemo-nos para um dia mais feliz. Muitos cristãos deram testemunho sofrendo os horrores das torturas e das flagelações. Se ainda a nós compete assim proceder que o seja para o bem da própria humanidade.

Que Jesus, Orientador Espiritual dê-te orbe, mais uma vez se compadeça de todos nós.

Deus nos abençõe.

Cláudio Joenck.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

(Coligidas por Leopoldina Machado B. de Barros)

39— Raul Estrêla, querendo alugar metade da casa por quantia maior a que eu e o Lima pagávamos, entrou a hostilizar-nos. Lima estava descolocado e eu o ajudava, embora não estivesse em situação financeira que o permitisse. Aturamos as grosserias do Estrêla até que o Lima conseguiu um emprêgo modesto e mudou-se para a casa do Laranjeira. Fui eu quem falou com o Laranjeira para alugar-lhe metade da casa.

40— Saí logo depois do Lima, pois só esperara a saída dêle para deixar o Estrêla. Coloquei minha mãe e irmã num quarto arranjado às pressas, pois, além de não ter dinheiro para alugar uma casa, não aturaria mais, em hipótese nenhuma, as grosserias do Estrêla. Fui dormir na sala do Lima e me pus a procurar parte de alguma casa para alugar.

41 — O quarto de minha mãe ficava na Travessa Rio Grande do Norte e o Lima morava à rua Lucídio Lago. Ruas do Meyer, que ficam perto uma da outra. Minha mãe e irmã iam, tôdas as noites para a casa do Lima, pois grande amizade unia as nossas famílias, amizade que, graças a Deus, até hoje perdura. Apesar dos nossos apertos financeiros, vivíamos sempre alegres, numa brincadeira constante. O Lima era um excelente piadista, sempre bem humorado. Tínhamos um vasto repertório de anedotas sãs e vivíamos a enriquecê-lo. Já tínhamos algumas relações no Rio e éramos constantemente visitados.

42 — Arrumara, em uma pensão, almôço e janta para minha mãe e continuava o braço direito do Almirante. Foi quando fui para cama, acometido de forte influenza. Estive três dias de cama: foram as únicas faltas que tive no Colégio Nacional, durante sete anos... Só mesmo a grande e fraterna amizade que unia as nossas famílias, me permitiu ficasse de cama, em casa do Lima, embora tratado por minha mãe.

43 — O Almirante, interessado por minha família, arranjou-me metade de uma casa, à Vila das Margaridas, na estação de Sampaio.

44 — A casa estava alugada a um tal Juca, velho conhecido do Almirante, que nela ficara viúvo, com um filho de três anos. O Juca alugar-me-ia metade da casa, desde que mamãe olhasse seu filhinho, durante o dia, enquanto o pai fôsse para o trabalho.

45 — Mudamos para a Vila das Margaridas; mamãe e minha irmã se afeiçoaram demais ao menino que era um anjo na ausência do pai e um demônio na sua presença. Mal o pai aparecia à esquina, estando o menino à janela, transformava-se por completo.

46 — Aí moramos quase um ano. Juca foi a criatura mais anti-higiênica que conheci. Não tomava banho, andava com as mãos sempre sujas, tudo no seu quarto era imundo.

47 — Dr. Waldemar Rocha, aquêlê velho amigo da Bahia, apareceu, en-

tão, em nossa casa, desempregado, ficando conosco durante seis meses, sem pagar um tostão.

48 — Arranjou, depois de seis meses, um emprêgo em S. Paulo, e para lá se foi.

49 — Vale a pena tratar aqui, particularmente, dêste conterrâneo e antigo amigo.

Foi, incontestavelmente, a minha maior amizade dos tempos de moço, conforme já ficou dito atrás. Fomos inseparáveis: companheiros das horas amargas e tristes, dos bailes, dos estudos, dos Grêmios, de tudo. Dediquei-lhe meu primeiro livro — Saudade. Aliás, dediquei-o a êle e ao José Petitinga. Até em dueto, declamamos, declamávamos sempre. A nossa declamação preferida era «Romeu e Julieta» de Olavo Bilac. Foi êle quem promoveu minha operação de hidrocele, a do quisto de minha mãe, uma que meu tio Olímpio, de quem já falei, também, precisou fazer. Êle era católico *mariano*, por imposição de sua mãe e eu, a esta altura, espírita comodista. Mais afortunado do que eu, financeiramente, incentivou-me sempre, com grande apôio.

Na época em que veio ao Rio, pela primeira vez, era namorado da irmã do nosso comum amigo Coelho Borges. Era eu quem recebia as cartas que enviava do Rio para ela e lhas entregava. Naquela época, os namorados tinham grande respeito aos pais, principalmente as moças. Escondiam o namôro o mais que podiam. Quase sempre até o noivado. As coisas não eram como hoje...

50 — O namôro não foi longe. Voltando à Bahia, Waldemar terminou-o. Aquela moça foi o primeiro e maior amor de sua vida.

Embora, quando eu me mudasse para a rua Maciel de Baixo, achasse que sua amizade afrouxara um pouco, embora não assistisse meu pai até o fim, como já relatei, achava-o ainda grande amigo...

51 — Voltemos, porém, à Vila das Margaridas. Waldemar, antes de ir para S. Paulo, conheceu simpática mocinha, também da nossa Vila, de quem quase se fêz noivo. Foi trabalhar na *Missão Rockefeller*, na capital bandeirante.

52 — Em S. Paulo, até seu casamento, isto é, de mil novecentos e vinte e quatro a mil novecentos e vinte e nove, nunca nos deixamos de corresponder.

Visitou-me em mil novecentos e vinte e cinco quando veio rever a quase noiva, ficando em nossa casa. Morávamos, então, no Engenho Novo, á rua Gregório Neves.

53 — Depois desta visita, rompeu com a namorada, nunca me explicando bem o motivo.

54 — Casou-se em mil novecentos e vinte e nove. Destinando-se a Salvador, em viagem de núpcias, pernoitou em nossa casa. Cedemos-lhe o nosso quarto. Estávamos já casados e residíamos á rua José Bonifácio, n.º 44, na mesma casa onde moramos com o Lima e o Estrêla. Mamãe e minha irmã estavam ali comigo e a família de Marília, pois estávamos de passagem, enquanto resolvíamos a minha vinda para Nova Iguassú. Todos trataram o casal carinhosamente. Marília pediu ao Waldemar que a tratasse por Marília, pois ela nos considerava irmãos.

55 — Foram-se para Salvador. Quando voltaram, já estávamos em Nova Iguassú, iniciando as atividades no Ginásio Leopoldo. Recebemos, por intermédio do pai da Marília, uma carta sua, avisando-nos em que vapor vinha, pedindo para os esperarmos no Cais.

56 — Pedimos ao sogro que os esperasse, de vez que não o podíamos fazer, em virtude de estarmos preparando a inauguração do Ginásio, explicação que lhes foi dada minuciosamente.

57 — Estiveram com o sogro, rapidamente, pois iam diretamente para S. Paulo.

58 — Recebi, dias depois uma carta sua que foi a última. Escrevi-lhe várias vezes. Não obtive resposta. Não sei o que pensou das razões por que não os pude esperar. Talvez não acreditasse nelas. Ou fosse outro o motivo do seu silêncio. Amarguei mais esta enorme decepção...

59 — Quando, em mil novecentos e quarenta e dois, retornei, pela primeira vez, á Bahia, vi-o em Amaralina, a dois passos de mim. Se fingiu que não me viu, também eu não o quis ver. Mormente, sabendo antes que estava em Salvador e sabia de minha chegada...

60 — Voltemos, novamente, à Vila das Margaridas. Não suportávamos mais as imundícias do Juca que nem podem ser relatadas. Descobrimos, tam-

bém, hipocrisias suas e de sua noiva, uma prima do Lima.

61 — Mudamos, então, para a rua Gregório Neves, no Engenho Novo, onde Waldemar nos visitou.

62 — Vagou-se, logo após, uma casa, muito perto, para onde foi o Lima. A grande amizade continuava. Estávamos, diariamente, todos juntos, na mesma alegria e brincadeira do Meier.

63 — A esta altura, o Almirante me colocou em dilema: ou voltaria para morar no Colégio Nacional ou êle acabaria com o internato. Só eu, a seu ver, merecia confiança para dirigir seu internato (parte de sua família).

64 — Voltei a morar no Nacional. Ia para casa durante as minhas folgas,

para estar com os meus e com a família Lima.

65 — Certa noite, sentimos a calamidade de uma enchente. A chuva que viera desde a tarde, não parara. Ao cair da noite, a agua já entrava em casa, já molhava os pés dos moveis. Tiramos tudo do chão e sentamos em cima da mesa. Os colchões não se estragaram porque as camas eram altas. Esperávamos. Se a chuva continuasse, iríamos para a rua que ficava aos fundos da nossa casa (uma ladeira). Iríamos pelo quintal, pois já ninguém mais enfrentava a correnteza da frente.

66 — Pela madrugada, a chuva cessou e as águas começaram a descer. Foi um trabalho para limpar a casa, o quintal e o jardim.

Bodas de Ouro

Em 1872 foi nomeado Inspetor da Alfândega de São Francisco do Sul, Estado de Santa Catarina, o cidadão rio grandense do sul Peregrino Servita de S. Thiago, desposado com D. Maria Augusta de S. Thiago, de estirpe catarinense. Entre os filhos do casal, contavam-se os nossos confrades Dr. Polydoro Olavo de S. Thiago que foi o fundador da Assistência aos Necessitados, ainda hoje existente na Federação Espírita Brasileira e o Professor Joaquim Antônio de S. Thiago, um dos fundadores do Centro Espírita «Caridade de Jesus», da referida cidade de São Francisco, que encontrou na médium paranaense, D. Maria Amélia de Miranda e Silva e em seu espôso Antônio Simplicio da Silva, bem como no benquisto médico de Paranaguá, Dr. Leocádio Corrêa, já então desencarnado, os grandes propugnadores daquela idéia da fundação de um núcleo de trabalhadores espíritas, sendo que o Dr. Leocádio como guia espiritual do «Caridade de Jesus», desde a sua fundação até hoje.

Alguns anos antes, em 1868, fixara residência na mesma cidade catarinense o snr. Vicente Porfirio de Almeida, casado com D. Luiza Francisca de Campos e Almeida, ambos naturais do

Rio de Janeiro e progenitores da nossa confreira professora D. Clara Almeida de S. Thiago que em 1881 contraiu núpcias com o professor Joaquim S. Thiago, ambos dedicados ao magistério em São Francisco. Dêsse matrimônio descendem os nossos confrades: D. Maria Augusta de S. Thiago Borges, presidente do aludido Centro «Caridade de Jesus»; Vicente Olavo de S. Thiago e Alvaro S. Thiago, já desencarnados; professores Arnaldo Claro de S. Thiago e Marcilio Dias de S. Thiago, Anita Juliani de S. Thiago Ferrari e Maria Madalena de S. Thiago da Costa Pereira, todos naturais da mencionada cidade catarinense e propugnadores do Espiritismo.

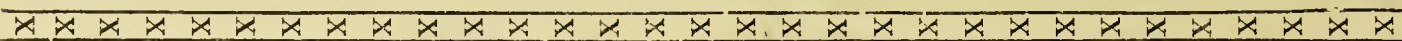
Dentre êsses confrades destacamos, nestas colunas, o professor Arnaldo Claro de S. Thiago e sua espôsa, D. Maria Eugênia Oliveira de S. Thiago, que em data de 5 de setembro festejaram suas bodas de ouro. D. Maria Eugênia é filha do Coronel José Antônio de Oliveira e de D. Emilia Nóbrega de Oliveira, de estirpe francisqueense e progenitores de numerosa e ilustre estirpe, da qual é cágula a nossa aludida confreira.

São filhos do casal os nossos confrades: Dr. Polydoro Ernani de S. Thiago, clínico em Florianópolis; D. Carmen de

S. Thiago Fernandes, casada com o nosso confrade Randolfo Fernandes, funcionário da Companhia Costeira, em Florianópolis; Ernesto S. Thiago, do comércio catarinense; Tenente Coronel Arnaldo Claro de S. Thiago Filho, engenheiro e gerente geral de vendas da Companhia Siderúrgica Nacional; Dr. Lauro de Oliveira S. Thiago, licenciado em Química e professor no Rio de Janeiro, onde é clínico homeopata e presidente do Centro Espírita «Bezerra de Menezes do Andaraí»; Dr. José Antônio de S. Thiago, promotor público em São Francisco do Sul e vice-presidente do Centro Espírita «Caridade de Jesus»; professoras Clara Oliveira de S. Thiago e Emília Oliveira de S. Thiago, a primeira médium e a segunda secretária do Centro Espírita «Bezerra de Menezes»; Major de Engenheiros Joaquim Antonio Oliveira de S. Thiago, classificado na Fábrica de Curitiba; Maria Amelia de S. Thiago, desencarnada; Maria de Jesus S. Thiago da Costa Pereira, casada com o nosso confrade Engenheiro Paulo da Costa Pereira, de Volta Redonda, onde ocu-

pa o cargo de secretário do Centro Espírita «Amantes da Verdade» e Ângela S. Thiago da Fonseca, casada com o engenheiro da Companhia Siderúrgica Nacional, Francisco César Linhares da Fonseca.

Contando com 59 netos, dentre os quais os nossos confrades Capitão Paulo de S. Thiago Fernandes, da Escola Técnica do Exército, Randolfo S. Thiago Fernandes, médico em Volta Redonda e Luiz Carlos de S. Thiago, doutorando de Medicina e com três bisnetos, os nossos confrades sentem-se venturosos em poder reunir, na data em que completam 50 anos de uma vida laboriosa, dedicada à prática do Espiritismo e à educação da próle, tôda essa numerosa descendência, na capital do país, onde residem desde 1938, para renderem graças ao Supremo Arquitéto do Universo, que lhes permitiu, na terra da provação, que ainda é o nosso planêta, cumprir essa tarefa tão grata aos corações verdadeiramente crentes em Deus e dispostos ao bem da humanidade, que é a de encaminhar espíritos pelos caminhos que nos foram abertos por Nosso Senhor Jesus Cristo.



© ROBERT HARE – Pioneiro do Espiritismo Científico ©

Neste ano ocorre o primeiro centenário do desencarne de R. Hare, ilustre cientista norte-americano (1781-1858) que a princípio, como muitos, combateu os fatos espíritas, porém, após pesquisa em laboratório, convenceu-se da sua realidade, divulgando-a. (1)

Desde jovem, mostrou inclinação para a Química e a Física, ciências que tomariam grande desenvolvimento no século 19. De 1818 a 1858 lecionou Química na Escola Médica da Universidade de Pensilvânia, onde era também conferencista e pesquisador. Deve-se a êle a invenção do marcador oxídrico, de grande aplicação industrial para soldas e fusão de metais dificilmente fusíveis como o ouro, a platina, etc. e a construção do primeiro forno elétrico. (2)

São muito escassas as notícias bibliográficas da atuação de Hare como espírita. Sabe-se porém que em 1853, êle se dedicou ao estudo dos fenômenos espíritas com médiuns americanos. Após os famo-

sos acontecimentos espíritas de Hydesville, em 1848, com a família Fox, muitos intelectuais dos Estados Unidos procuraram investigar a nova ordem dos fenômenos, entre êles, estando o juiz Edmonds e Hare. Êste, porém, como cientista, construiu alguns instrumentos para a investigação psíquica, para demonstrar, por exemplo, o aumento de pêso de alguns quilos realizado pela imposição das mãos de um médium, sem tocar no aparelho. Crookes, mais tarde, comprovou as suas experiências em Londres (1872). Os resultados dos trabalhos de Hare acham-se no seu livro: «Investigações experimentais das manifestações espíritas para a demonstração da existência dos espíritos e sua comunicação com os mortais», 1856, Pensilvânia. (3)

Como Crookes, apresentou êle os resultados das observações dos fatos espíritas às Associações Científicas da época, porém não lhe deram crédito.

Creemos que Hare deve ser considerado o pioneiro das pesquisas espíritas com

uso de instrumentos, em lugar de Crookes, o famoso físico-químico inglês, que somente a partir de 1871 iniciou os trabalhos mediúnicos, de enorme repercussão mundial. O dr. A. Lobo Vilela considera a obra de Hare, como «o primeiro documento notável de investigação científica» (4), no setor espírita-metapsíquico.

Na alvorada do segundo século de práticas espíritas e ante o desenvolvimento em ritmo crescente que tomam as pesquisas de Física Nuclear, de Biologia e de outras ciências, é preciso que os metapsiquistas e os espíritas estudiosos lembrem-se do tempo dos Hare e dos Crookes, e dediquem parte de seu tempo às experimentações mediúnicas, não em sessões comuns, mas em laboratórios com instrumentos modernos de controle e estudo. É bem possível que em futuro próximo, os

cientistas cheguem às verdades espíritas, por caminhos totalmente diferentes a que chegaram os cientistas espíritas, e abram novos campos de pesquisas cuja grandiosidade não podemos sequer imaginar.

Cícero Pimentel

S. André, 1/7/1958.

Fontes consultadas:

- 1) P. Granja — Afinal quem somos, 5.º ed. S. P.
- 2) Endeavour n.º 66 (1958), Londres.
- 3) P. Gibier — O Espiritismo — cap. III -- 2.º ed. FEB.
- 4) A. L. Vilela — Hipóteses metapsíquica, p. 20. Porto.

☉ A Origem da Vida e a Reencarnação e a Genética ☽

Acima os títulos do VI e do VII Capítulo (último) de TEORIA CORPUSCULAR DO ESPÍRITO, livro que o ilustrado confrade engenheiro Hernani Guimarães Andrade (Rua Dr. Diogo de Faria, 239, S. Paulo) está editando, dos quais publico hoje o respectivo extrato.

A Origem da Vida

Na formação da molécula, intervem a afinidade medida pelas valências. Na constituição dos seres vivos opera a organização, visando uma perfeita colaboração funcional entre os componentes moleculares. Até à molécula, as leis em vigor não definiam senão forças cegas. Daí por diante, surge um novo aglutinador, a inteligência, com livre arbítrio e poder de organizar, contrariando o milenar 2.º Princípio da Termodinâmica e guindando a matéria até os mais elevados estágios biológicos, onde o ser vivo consegue manifestar a razão e o conhecimento do Cosmo.

Deve ser, a «molécula viva», o ponto de partida da vida.

Uma vez «encarnado», o rudimentaríssimo átomo espiritual inicia a série de ensaios que levará aquela união elementaríssima, matéria e espírito, de queda em queda, de sucesso em sucesso, a adquirir uma experiência crescente, até

aprender associar-se com outras moléculas vivas para sobreviver aos embates do meio. Aquela molécula, vivificada pelo espírito compatível com sua estrutura sumária, deixará de ser apenas matéria, para tornar-se um ser vivo começante, o início talvez de um esplendor futuro.

Nas grandes moléculas básicas da estrutura celular, notam-se atividades e comportamento que as situam como seres vivos.

São os primeiros albores da vida que desponta vaga e imprecisa, porém, ativa e determinada, como a pressentir seu futuro de lutas e conquistas.

Descrevendo o comportamento da heterocromantina e da eucromantina, substâncias ricas em ácidos nucléicos e diretamente interessadas, respectivamente, no metabolismo e na hereditariedade celular, Maurice Rose assim as descreve, em sua obra «Les Caractères des Organismes Vivants»:

«Essas nucleoproteínas são a sede de reações contínuas e rápidas, como o tem demonstrado a circulação dos átomos radioativos (turn over) incorporados em sua molécula. Libertam fragmentos mais ou menos grandes, rapidamente renovados, que entram na composição de catalisadores muito ativos, de fermentos respiratórios, de co-

enzimas, de vitaminas, etc, e tornam-se agentes fisiológicos muito polivalentes e muito potentes.

Intervêm nas reações em cadeia seja de síntese, seja de demolição. São de qualquer sorte moléculas vivas fundamentais.»

Sim, ali estão verdadeiras moléculas vivas, ou melhor, «colônias de biomoléculas», exercendo suas atividades típicas em um grau superior ao de outras moléculas menos complexas ou, para usar um termo próprio, menos espiritualizadas.

Nessa fase preliminar, as ações se misturam de maneira flagrante. Em cada comportamento da matéria poderá achar-se o embrião de uma futura função biológica. Em cada reação da inteligência infinitesimal que ali se alojou, poderá vislumbrar-se o comportamento estrutural do futuro ser organizado. A autocatálise da substância molecular propiciará os primeiros rudimentos da lição que irá ensinar à vida as regras da reprodução, as leis da hereditariedade e os mistérios do amor sexual. E a vida, mais tarde, dominará a matéria, usando-a nas formas superiores, para sublimar-se na estética da arte, no êxtase religioso, ou na divina abnegação do amor materno.

Para a «molécula viva», pedra angular da vida, é que devemos voltar a nossa atenção se quisermos compreender o que seja a vida. Precisamos estudá-la, não exclusivamente em sua composição química, mas sobretudo na sua influência provável sobre o hiperespaço, deformando-o e criando ali um campo capaz de polarizar e fixar os «elementos-espirito.»

A Reencarnação e a Genética

Auxiliou-nos muito nesse campo a «*Drosophila melanogaster*», mais conhecida como «môscas do vinagre», cujos cromossomos são suficientemente grandes para permitir que se distingam, ao microscópio eletrônico, alguns detalhes de sua estrutura.

Admita-se, atualmente, que os caracteres apresentados por um ser vivo são herdados de seus progenitores através das células reprodutoras. Os elementos portadores dos fatores hereditários são os cromossomos, e êsses fatores são constituídos pelos *gens*.

Vários citologistas admitem que os cromossomos em sua maior parte seriam formados de inúmeros filamentos quase transparentes, ou *cromonemas*, sobre os quais a cromatina estaria depositada em forma de grânulos chamados *cromomeras*. Todavia, não devemos identificar êsses cromomeras com os *gens*. Os *gens* seriam muitíssimo menores; talvez, no futuro seja atribuída ao *gen* uma existência apenas virtual.

Os resultados das mais recentes experiências levam a concluir que o cromonema é constituído por filamentos espiralados, muito numerosos, enroscados uns nos outros. Sua composição física revelaria uma ordem decrescente de grossura microscópica, submicroscópica, amicroscópica e, finalmente, molecular. Teríamos, normalmente, uma estrutura espiralada, em tôdas as escalas acima.

As moléculas iniciais da escala enunciada seriam nucleoproteínas. Estas, por sua vez, se comporiam de uma dupla espiral de ácidos nucléicos, fixada aos lados de uma cadeia polipeptídica de histonas ou de protaminas.

Os filamentos espiralados acham-se embebidos em uma «solução mater» que os banha e onde se encontram as substâncias indispensáveis à sua formação, tais como os ácidos aminados, as bases orgânicas, os açúcares, os fosfatos, etc. Servindo de molde, os filamentos moleculares são capazes de organizar êsse licor, como os cristais dentro de uma solução mãe, orientando as moléculas em solução e organizando-as segundo a sua própria estrutura molecular.

Processa-se uma verdadeira autoduplicação, em que as estruturas fundamentais moleculares funcionam como matrizes capazes de produzir réplicas exatas de si mesmas. A perenidade das características estruturais e mesmo da composição química, obtida por êsse processo, asseguraria a transmissão dos caracteres hereditários.

A palavra «*gen*» significa, por conseguinte, a molécula ou o conjunto de moléculas que possuem, em potencial, a capacidade de transmitir, pelo mecanismo descrito anteriormente, os diferentes caracteres morfológicos e constitucionais de um ser vivo.

O número de cromossomos das células de um organismo vivo é, praticamente, constante para cada espécie, po-

dendo, todavia, assinalarem-se algumas exceções. A «*Drosophila melanogaster*», por exemplo, possui quatro pares, isto é, oito cromossomos ao todo. O homem possui 46 (quarenta e seis) cromossomos. A primeira contagem foi realizada por Winewater (1912) que assinalou 48 (quarenta e oito). No primeiro Congresso Internacional de Genética Humana, reunido em Copenhague (1956) Tjio e Levan, Ford e Hamerton, comunicaram o resultado de suas pesquisas e declararam como sendo 46 (quarenta e seis) o número real de cromossomos das células humanas. É possível que se dê uma variação nêsse número entre um ou outro sêr humano. Porém, ao que parece, o número certo é 46 mesmo.

Partindo das «biomoléculas» que compõem as cadeias polipeptídicas e as dos ácidos nucléicos, podemos seguir os reagrupamentos sucessivos até o sêr adulto, onde os caracteres se manifestam plenamente com a diferenciação comandada pelos corpúsculos fundamentais do núcleo celular. O mecanismo da diferenciação celular é uma maravilha; verdadeiro enigma cuja decifração os cientistas se empenham árduamente em obter. Como se explica o fato de a célula ôvo inicial atingir, no fim de algum tempo, a complicadíssima trama estrutural do sêr adulto? O fenômeno consiste em duplicações sucessivas por mitose. No entanto, cada órgão, cada sistema, vai se esboçando, como que modelado por mãos misteriosas e muito hábeis. Tudo se passa como se operários invisíveis fôsem colocando os tijolos, as guarnições, as esquadrias, pintando e acabando primorosamente um edifício.

A Teoria Corpuscular do Espírito, combinada com a lei da reencarnação, sugere um esquema explicativo do mecanismo da diferenciação celular, em perfeita harmonia com as leis da genética.

De acôrdo com os princípios já enunciados, o espírito deve possuir uma estrutura espaço-tempo em concordância com a trama de eventos que se desenrola desde o ôvo até o sêr adulto. Nês-

se «continuum tetradimensional», 4 dimensões, estão compreendidas as texturas moleculares assim como as intrincadíssimas associações celulares componentes do soma físico, compreendidas em tôdas as fases de sua evolução ontogenética.

A regularidade e a especificidade de todos os componentes, tanto do espírito desde a sua extremidade inicial, como das substâncias que compõem o tecido do ôvo, criam zonas típicas pontilhadas de fulcros biomagnéticos que agem seletivamente sôbre as «formações compostas», permitindo apenas o encaixe das formações cuja estruturação fundamental esteja rigorosamente de acôrdo com a disposição da espécie viva a que pertence. Assim, o número exato dos cromossomos com seus respectivos gens, e êstes com as suas cadeias típicas de proteínas e de ácidos nucléicos, só permitirão o encaixe perfeito da «formação composta» que, desde a sua extremidade inicial, possua os «elementos-espírito» com as características biomagnéticas e disposição dos mesmos de acôrdo com o ôvo em desenvolvimento.

A reencarnação se processa, então, como fenômeno necessário e imprescindível, pois sômente a «formação espiritual» que galgou adequada morfologia, em concorrência com a estruturação fundamental das células do sêr vivo de determinada espécie, é que poderá animar perfeitamente tôdas as suas partes, desde as biomoléculas até os órgãos reunidos em um todo único.

A reencarnação é um profundo processo de interligação das partes fundamentais da formação espiritual com as moléculas que estruturam os componentes mais íntimos do soma físico que nasce e cresce. Nêsse fenômeno, intervêm lado a lado as leis da genética e do espírito, na mais perfeita harmonia, um complementando o outro.

Aleixo Victor Magaldi

V. Redonda

Pretendeu-se, dez anos depois, que W. Crookes se retratara. Ora, a essa maldosa insinuação, êle próprio respondeu no discurso que proferiu por ocasião da abertura do Congresso de Bristol, como presidente da Associação Britânica para o adiantamento das ciências. Referindo-se aos extraordinários fenômenos que já descrevera, acrescentou então: «Nada vejo de que me deva retratar. Mantenho minhas declarações já publicadas. Poderia mesmo adiantar-lhes muita coisa».

E a Louca ficou Curada

Aniversariou, no Rio de Janeiro, a 15 de agosto último, o ilustre médico mineiro Dr. Levindo Mello, espírita muito conhecido e estimado, que vem prestando ao Espiritismo assinalados serviços, quer na imprensa local, onde milita há muitos anos, quer na Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, por êle idealizada e fundada com um pugilo de ardorosos colegas e confrades.

No ensejo de sua data natalícia, recordamos nesta Revista o caso que deu em sua conversão à nossa Doutrina e que servirá de estímulo para os médicos espíritos espalhados por todo êste grande Brasil.

Ei-lo :

Os psiquiatras e médicos que examinaram a paciente diagnosticaram : esquizofrenia. Havia quatro meses que ela se encontrava em estado de louca. A insanidade não evoluira lentamente ; surgira de repente, com violência, de forma inexplicável. Não havia taras psicopáticas nos ancestrais ; não houve emoções conturbadoras ; não houvera o vício da embriaguez. Psiquiatras e médicos já haviam esgotado todos os recursos terapêuticos, quando um vizinho e amigo, o sr. Olyntho Gonçalves de Mello, condoído da situação, quis cooperar e levou seu irmão, o Dr. Levindo Mello, para examinar a doente. Eis o que se passava em 1925, em Belo Horizonte, quando o dr. Mello ainda não havia tomado contato com o Espiritismo. A paciente recusou-se a deixar que a examinasse, e fê-lo de forma quase agressiva. Para o conseguir, resolveu aplicar-lhe cinco miligramas de heroína, por via hipodérmica — «Tolice!» — exclamou a alienada. «Não vê que isto para mim nada vale?!» — acrescentou. E o médico esperou durante uma hora pela ação entorpecente do violento opiáceo.

Nada! Confirmara-se a previsão da esquizofrênica. O médico ficou desapontado com o insucesso da medicação heroína, mas voltou diariamente a visitar a alienada lançando mão de vários recursos terapêuticos, sem no entanto obter qualquer resultado positivo. Desesperada, a família da doente, que era muito católica, resolveu afinal ceder à insistência de pes-

soas amigas, que aconselhavam a recorrer ao tratamento espírita uma vez que baldaços tinham sido os recursos à Psiquiatria e à Medicina acadêmicas. Convidou-se uma médium a visitar a paciente. Tratava-se duma velhinha fraca, ignorante, porém muito bondosa, de elevada moral cristã. A velhinha compareceu ao lar da rua Juiz de Fora, entrou no quarto da doente, onde já se encontravam pessoas da família e da vizinhança, pediu silêncio, invocou os nomes de Deus, de Jesus e de seu guia espiritual e pôs-se a fazer preces. Inopinadamente, começou a falar a esquizofrênica, não como mulher, mas como homem : «Sou... faleci à rua... n.º... os meus residem lá ; estou cansado de esperar por êste momento ; peço que procurem minha família, lhe dêem minhas notícias, e que façam tudo que desejo, pois assim me afastarei desta louca e ela estará curada». Fêz alguns pedidos, que foram de imediato atendidos pelos presentes ; e outros, que ficaram de ser encaminhados à sua família. Quinze minutos depois estava completamente curada a esquizofrênica ! A família do falecido foi procurada e encontrada no enderêço que êle dera, não tardando pois a lhe serem transmitidas as solicitações que fizera. Em face do relato do caso, e do teor dos pedidos formulados, convenceu-se a família de que só poderiam ter partido do espírito de seu chefe, falecido havia algum tempo. A cura, em 15 minutos, por uma velhinha ignorante, apenas à custa de prece, em confronto com a batalha de 172.800 minutos (quatro meses) de psiquiatras e médicos, equipados de todos os recursos terapêuticos modernos, deixou verdadeiramente estupefatos a família, a vizinhança e o último médico assistente — o Dr. Mello. Foi assim que o Dr. Levindo Mello há 33 anos passados se tornou espírita. Até 1925, era agnóstico ; de 1926 a 1940, investigou a fenomenologia paranormal, que cada vez mais o convencia, ao invés de desiludi-lo, pela eloquência dos fatos, ante a severidade da pesquisa : nesse interregno, fundou o Hospital Espírita Pedro de Alcântara, para tratamento de obsedados por espíritos, que posteriormente veio a ter um grande animador na pessoa do saudoso Agostinho Pereira de Souza, cria-

dor de «O Camizeiro», tradicional estabelecimento comercial carioca; em 1941 fundou a Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, em companhia de Milton de Andrade e Telêmaco Gon-

çalves Maia (êsse, hoje, brigadeiro-médico da Fôrça Aérea Brasileira); e hoje é diretor do departamento de Difusão Cultural da mesma Sociedade e um de seus presidentes de honra.



A NOBREZA É ESTA

ARNALDO. Dizia Ruy Barbosa a meu pai que não responder a uma carta era falta de polimento e que êle jamais deixara sem resposta as que lhe mandavam. Perguntou-lhe o meu velho como poderia êle satisfazer a sua correspondência, êle tão cheio de ocupações e preocupações. E o Ruy lhe disse: — Só os que não têm o que fazer é que não arranjam tempo para nada.

Diante disto não me posso furtar ao prazer de dirigir-lhe estas linhas, em resposta à sua gentil missiva de setembro, nesta revista.

Deixe que saliente três pontos nela contidos:

1 — O de haver eu anotado no escrito do amigo um êrro de colocação de pronomes.

2 — O de haver declarado nas entrelinhas que o amigo não tem nobreza.

3 — As poucas letras de que se acusa. Quanto ao 1.º, não me lembro de haver anotado qualquer êrro. Nem é meu feitio passar do campo doutrinário às questões pessoais, sobretudo as que possam melindrar.

Ao tempo em que eu tinha ócios, andava catando nos bons escritores os êrros de colocação de pronomes, aos quais acrescentava os apontados por gramáticos e filólogos, como a dizer-nos que — *quandoque bonus dormitat Homerus*. Consegui assim uma coleção de que me tornei mais orgulhoso que um filatelista. Pretendia armar-me para responder a qualquer adversário que lobrigasse um êrro semelhante em meus escritos, certo como estou e estava de que é muito difícil, ao indivíduo, ocupado com a idéia, evitar todo e qualquer deslize gramatical.

Se, portanto, caí em semelhante balda, para penitenciar-me, ofereço ao caro amigo o meu pujante fichário para que me demonstre a mim o mesmo que

eu pretendia demonstrar aos outros.

2 — Quando falei em nobreza, queria aproveitar o título. Bem sei que às vezes o *homem desce da nobreza*, conforme uma cantiga que andou por aí:

«Todos dizem que a mulher é parte fraca...

...
«Mas o homem com tôda a fortaleza

«Desce da nobreza

«E faz o que ela quer».

Não é bem o nosso caso. Já não estamos na idade destas descidas, e quando muito ficamos fazendo o que querem os netos. Isto, por certo, muito rejubilaria Vitor Hugo, para quem o cuidado com essa arraia miuda era um bom sintôma de nobreza d'alma.

3 — Resta o terceiro, que são as poucas letras do amigo. Mas estou eu aqui para testemunhar o contrário, desde que tenho recorrido às suas luzes quanto ao italiano clássico, embaraçado, por vêzes, nas *infernais* imagens de Dante.

Perguntar-me-ão depois disto, o que terá o Espiritismo que ver com essa nossa tertulia... epistolar.

Tem e muito, dado o exemplo de tolerância e humildade que o amigo acaba de apresentar, e nós vivemos mais pelo exemplo do que pelas tiradas literárias.

Declarou me certa vez um espírito amigo que a entrada no Espaço de um ser humilde era um verdadeiro deslumbramento.

Todos já devem ter visto em certas festas, mórmente as de carnaval, indivíduos cheios de empáfia, nas suas vestimentas de rei, príncipe, rajá ou outro magnata qualquer; quem os notar em sua arrogância *real*, dentro das fictícias vestes, sentirá impulsos de rir, o a que nos leva sempre uma desmedida tolice.

É como são lá em cima encarados os que entram como pimpões da Terra e

impam de orgulho com as posições, o poderio, com as homenagens que lhes prestam, as glórias de que os cumulam, os favores que lhes dispensam.

E tudo isso é tão efêmero e risível na Eternidade, como a realeza de uma noite, que apresentam as figuras carnavalescas.

E o Espírito nos dizia que estamos longe de perceber, ao inverso inteiramente daqueles, como são recebidos no Além os que viveram e morreram humildemente, dessa humildade do coração, onde o indivíduo se esquece de si para lembrar-se dos outros. E então lhes chovem sobre as fronteiras as flores divinas, reboam por toda a parte os aplausos celestiais, e lhes cabe a verdadeira coroa de herói, a dos

que venceram, não os semelhantes, mas as próprias paixões no torvelhinho das ambições terrenas.

Passado algum tempo, abrindo o Evangelho Segundo o Espiritismo, li que as principais recomendações do Cristo eram a caridade e a humildade.

* * *

Bem haja, pois, ao confrade amigo Arnaldo S. Tiago, pela sua carta, que tanto nos comoveu, a mim e ao Mário, o qual me passou procuração para dizer de sua estima e reconhecimento.

Pois é, amigo, das almas grandes a nobreza é esta.

Carlos Imbassahy

Além da morte há vida

De «Seleções»

A observação de experiências de homens e mulheres indicam a verdade das promessas das Sagradas Escrituras

REV. NORMAN VINCENT PEALE.

NO dia em que recebi a notícia da morte de minha mãe fui à minha igreja, em Nova York, e fiquei lá sentado. Queria sentir a presença de mamãe. Ela sempre me dissera :

— Sempre que você estiver nesta igreja eu estarei com você.

Depois fui para meu gabinete. Havia sobre a mesa uma Bíblia velha e manuseada, que sempre levo comigo para toda a parte. Naquele dia, num desejo instintivo de consolo, coloquei a mão sobre ela. Ali parado, com o olhar perdido na direção da Quinta Avenida, senti de súbito, distintamente, duas mãos em concha, macias como um edredão, pousando muito de leve na minha cabeça. Foi uma sensação de alegria indefinível. Eu sem-

pre tive um espírito curioso e, mesmo naquela ocasião, tentei considerar objetivamente a experiência. Raciocinei que aquilo devia ser uma alucinação devida à mágoa, mas não conseguia acreditar em mim mesmo. Daquele momento em diante nunca mais duvidei de que minha mãe estava espiritualmente viva. Eu sei que ela vive e que viverá para sempre.

Não tenho a menor dúvida sobre a verdade e a validade da imortalidade. Acredito incondicionalmente e com absoluta segurança que, quando a pessoa morre encontra aqueles que amou, que os reconhece e se reúne a eles para nunca mais se separarem. Acredito que a identidade da pessoa permanece na esfera mais ampla da vida, na qual não haverá sofrimen-

to nem tristeza no sentido físico assim como as conhecemos aqui. Espero também que haja luta, pois a luta é boa. Com certeza haverá também um desenvolvimento contínuo, pois a vida sem esforço de aperfeiçoamento do espírito será incrivelmente monótona.

Há muitos anos li uma declaração de um cientista, que dizia dogmáticamente : «Quando chega a morte, a vida do homem é apagada com um sopro, como a chama de uma vela.»

Ele foi ouvido com algum respeito porque a ciência materialista ainda estava em moda. Mas hoje seria simplesmente convidado a provar sua declaração. Como é que ele sabe? A verdade é que ele não sabe nem pode provar o que diz.

Não acreditamos na imortalidade porque possamos prová-la, mas procuramos prová-la porque não podemos deixar de acreditar nela. Com efeito, a sensação instintiva de que é verdade constitui uma das provas mais profundas de sua verdade.

Quando Deus quer fazer

crer alguma coisa aos homens, planta a idéia nos seus instintos. O anseio de imortalidade é tão universal que dificilmente pode ser recebido com indiferença pelo universo. Aquilo a que aspiramos profundamente, aquilo que sentimos profundamente deve sem dúvida refletir um elemento básico da existência humana.

Grandes verdades como esta não podem ser acreditadas em virtude de provas e demonstrações, e sim pela fé e a intuição é um fator importante na percepção científica da verdade. Como acentuou Bergson, os cientistas muitas vezes chegam ao fim do conhecimento verificável e então, por um salto da intuição, atingem a verdade.

A pesquisa científica empresta apóio à nossa intuição e à nossa fé.

A velha concepção materialista do universo está desaparecendo. Sir James Jeans declarou: «Todo o mundo está em vibração». «Einstein disse: «A matéria e a energia são intercambiáveis, são uma e a mesma coisa».

Os sábios, ao que parece, reconhecem que no âmago da vida há qualquer coisa espiritual profunda.

Conversei com a Sra. Thomas Edison sobre os pontos de vista de seu marido em relação à vida depois da morte. O famoso inventor tinha uma profunda crença de que a alma era uma entidade real, que deixava o corpo por ocasião da morte. Quando Edison estava próximo do momento da morte, seu médico notou que êle tentava dizer algo. Curvou-se e ouviu distintamente o moribundo falar:

— «É muito bonito do lado de lá».

A observação da experiência de homens e mulheres que passam para o chamado vale das sombras indica que do outro lado há tanto vida como beleza. A's vezes, naturalmente, há dor na doença, e o caminho de um ser humano para a morte física pode ser um caminho difícil. Mas no momento da morte conforme as palavras de um médico ilustre, «uma grande onda de paz parece descer sobre a pessoa».

Uma enfermeira que viu muita gente morrer disse-me:

Muitos doentes, no momento da morte, manifestavam a impressão de terem visto alguma coisa, e muitas vezes falavam em luz e música maravilhosas. Alguns diziam ver fisionomias que reconheciam. E muitas vezes havia nos seus olhos uma expressão de assombro e incredulidade.

Eu mesmo estava com um amigo quando chegou a hora de sua morte. Ao ser envolvido pelas névoas do Além, êle disse de repente, falando ao filho que estava sentado junto da cama:

— «Jim, estou vendo lindos edifícios. Num dêles há uma luz, e a luz é para mim. É muito bonita».

E logo morreu.

O filho me disse:

— Meu pai era um cientista, e no seu trabalho êle nunca anunciou uma coisa que não fosse comprovada. O hábito de muitos anos não podia mudar. Êle estava comunicando o que via.

O Dr. Leslie Weatherhead, de Londres diz que uma vez estava sentado à cabeceira de um homem agonizante, segurando-lhe a mão.

Devo ter-lhe apertado a

mão com mais força do que pretendia — comentou o Dr. Wetherhead, pois o doente disse uma coisa estranha:

«Não me puxe para trás... Está tão bonito lá adiante!»

O Dr. Wetherhead também cita o Dr. William Hunter, médico eminente, que disse ao morrer:

— «Se eu tivesse forças para segurar uma pena, escreveria como é fácil e agradável morrer».

Ainda não há muito tempo, eu e minha mulher visitávamos a aldeiazinha de Betânia, perto de Jerusalém.

Paramos do lado de fora da tumba onde em outros tempos descansou o corpo de Lázaro, no lugar quase exato em que Jesus falou, há quase 20 séculos, à sua família desolada: «Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá: E todo aquêle que vive, e crê em Mim, nunca morrerá.» É difícil para mim recordar, sem emoção profunda, a sensação de certeza absoluta que tive naquele momento, pois compreendi então que aquelas palavras eram absolutamente verdadeiras.

Evidentemente, a resposta de Deus à morte é a vida. Na realidade, a Bíblia prega uma fé baseada na vida e não na morte. Diz-nos que aquilo que parece ser morte só o é na aparência, que o fato real é a vida eterna.

O maior inimigo da verdade não é a mentira e sim, o preconceito. A mentira é o prelúdio da verdade e nada passará em segrêdo sobre a terra que um dia não seja descoberto.

Crônica Estrangeira

Encontro do Documento Perdido

De «*Two Worlds*»

Há um fato que constitui prova absoluta de que sendo obtida alguma informação, desconhecida de qualquer pessoa viva na terra e cujo conhecimento não sendo ministrado por qualquer sorte de telepatia subconsciente, só pode ser atribuída a uma entidade espiritual.

Foi Kant que fez o relato, como êle o narrou a Carlote Knobloch.

«A Snr^a. Marteville, viúva de um embaixador dinamarquês em Stocolmo, algum tempo depois da morte de seu marido, foi intimada por Croon, um joalheiro, a pagar uma baixela de prata que seu marido comprara do mesmo.

A viúva estava convencida de que seu falecido marido, muito escrupuloso e metódico, jamais deixaria de saldar um débito, todavia não conseguia encontrar o recibo. Em sua dificuldade, pois a importância era considerável, ela convidou o médium Swedenborg ir à casa dela. Depois de lhe pedir desculpas pelo incômodo, ela disse que se êle, como todo o novo afirmava, possuía o extrordinário dom de conversar com os espíritos dos que partiram, êle poderia perguntar-lhe o que de verdade havia sôbre a baixela de prata.

Swedenborg prometeu fazer o possível. Três dias depois, a viúva tinha em sua casa diversas pessoas para o café.

Swedenborg apresentou-se e com suas maneiras calmas, informou-a ter conversado com seu marido. A dívida fôra paga sete meses antes de seu falecimento e o recibo se encontrava na escrivaninha, na sala do andar superior.

O Compartimento Oculto

A senhora replicou que a escrivaninha fôra revistada em tôdas as suas dependências e que o recibo não fôra encontrado entre os papeis que pertenceram ao marido. Swedenborg disse que o falecido lhe afirmara que, retirando a gaveta do lado esquerdo, appareceria uma tabua que, por sua vez retirada, revela-

ria um compartimento secreto, contendo sua correspondência privada e também o recibo.

Ouvindo isso, todos os presentes acompanharam a senhora ao escritório do andar superior. A escrivaninha foi aberta; procederam de acôrdo com a instrução, foi encontrado o esconderijo, de cuja existência ninguém suspeitava e, para assombro de todos, os papeis lá foram encontrados, tudo conforme com a revelação».

Isto estabelece claramente que semelhante informação fôra recebida da única pessoa conhecedora do segrêdo, e que ingressara no Além.

Ainda mais, cumpre notar que em semelhantes casos Swedenborg afirmava que êle via e falava a essas pessoas e provava que assim acontecia. Êle não descrevia suas experiências como fenômenos miraculosos, colorindo vivamente as aparições e as palavras ouvidas do espirito, como outros usualmente o fazem. Isto era devido a terem sido suas experiências tão naturais de modo a não maravilhar e impressionar seus semelhantes. Êle simplesmente relatava os acontecimentos.



Fenômeno Premonitório

De «*Estudos Psíquicos*»

O sr. J. P. J. Chapman escreveu um artigo no *Fate Magazine*, de Junho de 1955, intitulado «Vi o Pastor morrer 24 horas antes» e que passamos a resumir.

Trata-se de uma experiência de desdobramento. O autor encontrava-se em Somerset, uma aldeia de Greenham, próximo da cidade de Wellington. As ruas eram estreitas, sem luz elétrica, e os meios de comunicação limitavam-se à estação de correios.

A cidade de Wellington tinha uma placa central, onde ficava a estação, e próximo via-se a Câmara Municipal com um relógio. O pai de Chapman pedira-lhe que fôsse à cidade deitar-lhe uma carta no correio, e êle foi. Olhou para

o relógio e viu que eram quase 11 horas. Era sexta-feira. Em frente havia uns armazéns e deixou-se lá ficar a ver os transeuntes. Nesse momento saiu da loja o pastor de Ashbrittle, muito erecto, apesar dos anos, e o relógio começou a dar horas.

Então o cenário tornou-se-lhe confuso, como lagoa de águas límpidas e agitadas, e teve a impressão de ser levado pelo espaço vertiginosamente. «Quando tudo se tornou nítido, — conta o sr. Chapman — encontrava-me no quarto do padre. Êste estava na cama e eu tinha a certeza de que êle morrerá. Sabia também que era segunda e não sexta-feira, embora qualquer coisa me argumentasse: «Com certeza que não é segunda, é sexta». A cena mudou novamente e eu sabia que era quarta-feira, embora o mesmo argumento persistisse. O pastor estava no caixão, que eu acompanhei à igreja, onde fizeram as exéquias. Por último, vi o caixão baixar à terra. Durante a cerimônia vi muita gente conhecida. Meu pai falou com várias pessoas. No fim, o cocheiro de meu pai trouxe a *charrette* para o levar a casa e êste exclamou: «Deixa-me guiar; isto ajuda-me a distrair».

Depois, acrescenta o articulista: «Tôda a cena se turvou. Pareceu-

me correr outra vez no espaço e tudo se normalizar. Eu estava de pé ao lado da bicicleta. O velho pastor pouco se afastara e ouvi as horas. Contei as últimas badaladas. Oito ao todo. Eram 11 horas. Tudo se desenrolara entre duas badaladas. Mais tarde, ao pensar no caso, notei que vivera grande parte do dia num simples segundo.

«Isto não me espantou, porque já fizera experiências semelhantes. Mas sabia que o pastor não teria mais de 48 horas de vida. Contei tudo a meu pai e pedi-lhe que o fixasse bem. Não lhe falei nas conversas que êle teria. Escrevi-as num papel, para que as pudesse ler mais tarde. Meu pai não respondeu grande coisa. Limitou-se a dizer: «Veremos». E não se falou mais no assunto.

«Na segunda-feira seguinte soube-mos que o pastor tinha morrido e que o entêrro seria quarta-feira. Meu pai foi na *charrette* conduzida pelo cocheiro, a quem dei as minhas notas, pedindo-lhe que as entregasse a meu pai depois das cerimônias. Quando meu pai regressou a casa estava visivelmente abatido. Disse-me então:

— Ouve cá; tudo aconteceu como disseste, até as conversas que tive. Mas o que me causou maior impressão foi a tua nota.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Declaração de Utilidade Pública

DECRETO N.º 141.

Declara de utilidade pública a Associação Espírita Santo Agostinho, da cidade de Passos.

O Prefeito Municipal de Passos, usando de suas atribuições e tendo em vista o disposto na Lei Federal n.º 91, de 28 de Agosto de 1.935, bem como a Lei Municipal n.º 300, de 19 de Novembro de 1.957, da Camara Municipal de Passos.

RESOLVE:

declarar de utilidade pública municipal a «Associação Espírita Santo Agostinho»,

sociedade civil, sediada nesta cidade de Passos, Estado de Minas Gerais.

Publique-se, registre-se e cumpra-se.

Prefeitura Municipal de Passos, 21 de Agosto de 1.958.

(a) Dr. José Mendes — Prefeito Municipal.

(a) Leonaldo Alves Costa — Secretário.

Registrado no livro próprio. Data supra. — (a) L. A. C. — Secretário.

(Publicado no jornal «O SUDOESTE», de 7 de Setembro de 1.958).

O decreto acima é de alta significação para os espíritas mineiros, que se devem sentir honrados com o gesto sim-

pático do dr. José Mendes, prefeito de Passos, Estado de Minas Gerais.

Com efeito, a tradicional cidade de Passos, justamente considerada, pelo seu profundo catolicismo, como a Roma brasileira, deu o sinal de avançar nas conquistas sociais do Espiritismo no Brasil.

Talvez seja essa a primeira sociedade espírita a ser reconhecida como órgão de utilidade pública pelos grandes serviços que em geral as organizações espíritas vêm prestando em toda a parte em benefício da coletividade.

O Espiritismo, começa, assim, a firmar os seus foros de cidade.

Parabens aos nossos confrades de Passos, a bonançosa e bela cidade mineira.

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. \$ 349.316,20.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina.

Realizações Espíritas em Marília

Espiritismo não é só fazer sessões

(Texto de Lauro Vargas)

Observando o movimento grandioso de estreitamento e comunhão fraterno que as entidades espíritas vêm realizando, não podemos deixar de noticiar aos nossos leitores o andamento dessas realizações cristãs, cuja propaganda tão benéfica e tão construtiva, vem se tornando o ensejo para a implantação da Boa Nova.

O Espiritismo que se irradia deste Brasil é realmente aquele que procura aproximar o homem do homem, fugindo quase que totalmente ao praticado em

outras nações, onde se cuida mais do sistema do que exatamente da prática da Codificação. E compreendendo assim, o Espiritismo de aproximação e entendimentos, é que os espíritas de todas as regiões do país se esforçam para bem imitar a Paulo de Tarso.

É um exemplo a seguir êsse dos movimentos das chamadas *Semanas Espíritas*, tão magnificamente realizadas pelas Uniões Municipais Espíritas ou então lideradas por agrupamentos que se dedicam com entusiasmo a essa prática.

Recentemente, ou seja, no período de 13 a 20 de julho último, na cidade de Marília e outras localidades da Alta Paulista, foi realizado um grande movimento que tomou a denominação de IV Semana Regional Espírita e VI Semana Espírita de Marília e à cuja participação foram congregados caravaneiros de inúmeras cidades do Brasil, inclusive do Paraná, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. O programa obedeceu a orientação da União Municipal Espírita e uma das partes principais dessa confraternização foi a das festividades que assinalaram o 10.º aniversário de atividades do Hospital Espírita de Marília, tomando parte ativa nessa realização os próprios elementos daquele nosocômio, sendo oferecido aos confrades presentes lauto almoço.

As conferências tiveram início no próprio dia 13, com abertura nas cidades de Marília e Tupã, seguindo-se diariamente palestras e reuniões litero-musicais nas cidades de Garça, Vera Cruz, Pompéia, Oswaldo Cruz, Lucélia e Adamantina, orientadas pelos Srs. Levy Merigles, Manuel de Paula Saad e demais membros da Diretoria da União Municipal e Conselho Regional Espírita da 13.ª Região da USE.

Diversos foram os oradores convidados para essas conferências e, se bem que inúmeros, inclusive àqueles a quem era desejo da União apresentá-los ao povo de Marília, deixaram de vir, foi a Semana perfeitamente compensada com a participação dos ilustres confrades Dr. Erminio Vicente, Apolo Oliva Filho, Luiz Maria Netto, Dr. Jonny Doyn, Milton Ferreira, Eulier Ubaldo Guide, Dr. Celso Xavier de Mendonça, Valéria Steagal, Maria Amelia Anhaia Ferraz e Marlene Severino, contando, todas as sessões com

as participações dos elementos das Mocidades Espíritas, no desempenho de seus trabalhos artísticos, vivamente aplaudidos.

Por ocasião das visitas às instituições espíritas da cidade, no magnífico prédio do Educandário Bezerra de Menezes foi servido um lanche aos caravaneiros, tendo na oportunidade usado da palavra os confrades Lauro Vargas, pela União Municipal Espírita, Higino M. Filho, pela diretoria do Educandário e o Dr. Bady E. Curi, Presidente da União Espírita Mineira. Registrando-se a colaboração do digno Presidente da União Espírita Mineira, foram distribuídos a todas as entidades a gravação do Hino ao 1.º Centenário do Livro dos Espíritos, considerando-se ainda, a entusiástica participação do Dr. Bady Elias Curi como companheiros das lides espíritas.

No encerramento foram apresentadas as novas construções espíritas, ou sejam, as entidades cujos trabalhos vem-se realizando magnificamente, ao exemplo do Hospital Espírita, Educandário Bezerra de Menezes que já se encontra em face de acabamento e com o funcionamento dos seus cursos primários e a Mansão Ismael, entidade essa sob a responsabilidade do confrade Eurípedes Soares da Rocha; as construções do Lar Amélie Boudet já se encontram nos respaldos dos alicerces e na ocasião tivemos a felicidade de assistir à notícia de que o Núcleo Espírita Amantes da Pobreza houvera adquirido enorme terreno para a construção da Creche Ignácio de Loyolla Torres. Assim, mais uma empreitada se inicia nas realizações da família espírita de Marília, provando-se que Espiritismo não é só fazer sessões.

Com as obras de assistência social, incluindo-se as mantidas particularmente pelos próprios Centros, como seja a do Centro Espírita Luz e Verdade, e Luz, Fé e Caridade, calcula-se sem exagero que para mais de 10.000 pessoas tem recebido ajuda da família espírita Mariliense. Isso atesta e reafirma o que o povo na sua linguagem simples e ingênua define os espíritas como malucos e loucos! Realmente, só os «malucos» espíritas poderão dar provas como as que Marília oferece. Maluquices em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo!

Semana Espírita

Conforme programa, que recebemos, vai realizar-se de 19 a 26 de Outubro corrente, a 8.ª Semana Espírita de Santo André, organizada e patrocinada pela União Municipal Espírita da mesma cidade.

O programa dessa Semana Espírita é dos mais interessantes, movimentando grandes festividades e atos de alta significação no trabalho de divulgação doutrinária.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira
Súmula da Ata da Reunião mensal ordinária, realizada em 6 de Setembro de 1958

Após a prece inicial, o Presidente do Conselho, à hora regimental, declara abertos os trabalhos do Conselho Federativo Nacional, em sua reunião mensal ordinária, de 6 de Setembro de 1958. Estando presente o Presidente da Federação Espírita Amazonense, o Presidente apresente, em nome do Conselho, saudação fraterna. Aprovada a Ata da reunião anterior, foram lidas no expediente: comunicação da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo sobre a renovação de seus poderes e convite da União Municipal Espírita de Taubaté para a VI Concentração das Mocidades Espíritas do Vale do Paraíba. Demora-se o Presidente em comentários sobre fatos do momento espírita, comunicando grande número de pedidos de esclarecimentos e de consultas feitas à FEB, e por esta atendidos, sendo alguns publicados pela imprensa.

São Paulo — O Conselheiro Carlos Jordão agradece as manifestações amigas do Conselho, por sua eleição para a presidência da USE, informa sobre os satisfatórios resultados colhidos no VI Congresso Espírita de São Paulo e lembra a Comissão de Propaganda e Unificação, já planejada pelo Conselho, para a qual nomeia o Presidente os Conselheiros Carlos Jordão, Ismael Gomes Braga e Ramiro Gama.

Amazonas — Agradece o Presidente da Federação Espírita Amazonense a fraterna acolhida do Conselho e confessa sua satisfação por participar da reunião. Anuncia o esforço cada vez maior da Federa-

ção Amazonense pela difusão e orientação do Espiritismo local e apresenta à Família Espírita Carioca as sinceras saudações da Família Espírita do Amazonas.

Estado do Rio de Janeiro — O Conselheiro Coronel Levi Lara discorre sôbre as atividades constantes da Federação que representa, encarecendo o êxito da V Semana Espírita de Niterói.

O Conselheiro Atlas de Castro solicita se consigne na ATA um voto de saudade ao companheiro Carlos Lomba, recém-desencarnado, e, secundado pelo Presidente, estuda a personalidade e o valor do querido trabalhador. Proferida a prece final pelo representante de Sergipe, declara o Presidente encerrados os trabalhos, às dezesseis horas.



Necrologia



Ainda na última edição de «O Clarim», em notícia de Cascatinha, sôbre o Cinquentenário do Espiritismo nessa cidade, estampamos a relação dos confrades que ali fundaram, em 1908, a primeira agremiação espírita em Petrópolis, no Estado do Rio. E, nessa relação, figurava o nome de Spártaco Banal como último sobrevivente da plêiade de esforçados companheiros que, na bela cidade serrana, foram os vanguardeiros da nossa Doutrina,

Já estava pronta essa edição do jornal, saída a 30 de agosto, quando recebemos do nosso amigo José Francisco da Silva, de Cascatinha, a comunicação do passamento do Spártaco Banal, ocorrido em 14 do mesmo mês.

O desencarne dêsse prestãnte amigo e colaborador de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», surpreendeu-nos, pois, e

não fôsse a certeza da continuação da vida no além e certamente o nosso abalo seria maior e mais doloroso, por havermos perdido um companheiro insubstituível em nossa árdua tarefa de imprensa, onde êle sempre nos deu o seu apôio e atividade.

O seu desaparecimento, do mundo terreno, verificou-se aos 73 anos de idade, tendo êle deixado numerosa família entre filhos, genros, netos e bisnetos.

Spártaco Banal era espírita convicto, ativo, trabalhador, respeitoso e tolerante para com todos que o cercavam.

Certos da continuação do seu apôio moral e da sua presença espiritual, aqui lhe rendemos a nossa homenagem de reconhecimento e votos pela sua crescente felicidade.

Transcrito de «O Clarim», de 13 de Setembro de 1958.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

| | | |
|-------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Do 2.º ano Cr.\$ 180,00 | Do 20.º ano Cr.\$ 150,00 | Do 27.º ano Cr.\$ 150,00 |
| Do 4.º ano . . 180,00 | Do 21.º ano . . 150,00 | Do 28.º ano . 150,00 |
| Do 5.º ano . . 180,00 | Do 22.º ano . . 150,00 | Do 29.º ano . 150,00 |
| Do 6.º ano . . 180,00 | Do 23.º ano . . 150,00 | Do 30.º ano . 150,00 |
| Do 7.º ano . . 180,00 | Do 24.º ano . . 150,00 | Do 31.º ano . 150,00 |
| Do 18.º ano . . 180,00 | Do 25.º ano . . 150,00 | Do 32.º ano . 150,00 |
| Do 19.º ano . . 180,00 | Do 26.º ano . . 150,00 | |

Espiritismo e Materialismo

Acaba de sair do prelo e já se acha à venda, em 3.^a edição, esta apreciada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. \$ 10,00.

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinamentos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitui o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço: Cr. \$ 76,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O Batismo

Avisamos os interessados que já saiu do prelo e está à venda, a 3.^a edição deste importante opúsculo da lavra do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' um livrinho de grande interesse para ser manuseado por todos aqueles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. \$ 10,00.

Obras mediúnicas recebidas pelo
médiun Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Instruções Psicofônicas
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Contos e Apólogos
Pontos e Contos
Falando à Terra
Gotas de Luz
O Consolador
Luz, Acima
Fonte Viva
Ave Cristo
Pão Nosso
Emanuel
Voltei
Pai Nosso
Libertação
Volta Bocage
Os Mensageiros
50 Anos Depois
Novas Mensagens
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Palavras de Emmanuel
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Caminho, Verdade e Vida
Nos Domínios da Mediunidade

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À
VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.



Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo

Redator: Italo Ferreira

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

| | | | |
|----------|---|-----------------------|-------------|
| Ano | — | Assinatura simples | Cr.\$ 90,00 |
| Semestre | — | „ „ | 50,00 |
| Ano | — | Assinatura registrada | 150,00 |
| Semestre | — | „ „ | 75,00 |

NUMERO AVULSO CR. \$ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

